

Mailson defende agricultura longe do governo

"Não ficar à espera de ajudas oficiais", é o que enfatiza o ex-ministro da Fazenda em defesa do setor privado no Brasil

Romualdo Cruz Filho
romualdo@tribunap.com.br

O ex-ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, esteve nesta quarta-feira, 17, na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq-USP) para falar sobre a crise econômica e a situação do Brasil no cenário internacional. Ele fez projeções sobre os principais indicadores macroeconômicos para 2009 e 2010 e enfatizou a incerteza como elemento presente nos prognósticos, sendo consequência natural do período de instabilidade global. A palestra fez parte da comemoração do Dia da Economia, coordenada pelo curso de Ciências Econômicas da Esalq e do Centro Acadêmico Paulo Cidade (Capc).

Sem variar muito da posição incorporada ao mercado e lugar comum nas análises conjunturais, observou que a tese sobre a possibilidade do Brasil ser o primeiro país a sair da crise, como vem sendo apresentada pelo governo, não deixa claro que há aqueles que sequer entraram em crise, como é o caso da China, Índia e alguns asiáticos. Em seu entender, a porta de saída do Brasil será via co-

mércio de commodities do agronegócio para a China, que se tornou a principal parceira.

Mailson foi questionado sobre a necessidade do setor agrícola ter maior participação nas decisões do governo, como por exemplo, integrar o Conselho Monetário Nacional. Defendeu o setor privado, mas para que passe a depender cada vez menos do governo e não ficar à espera de ajudas oficiais. "O Conselho Monetário Nacional deveria ser extinto. É um órgão que teve alguma função no período em que eu estava no governo, mas que perdeu a razão de existir. Mesmo naquele período, a participação do setor agrícola no órgão não resultava em vantagens ao agronegócio. Cobrar participação, na esperança de ser beneficiada, é uma idéia ilusória".

Para ele, na época em que a agricultura dependia muito de recursos oficiais, como o crédito rural, passou por muitas dificuldades. As crises das finanças do governo se tornavam crise do setor. Sendo assim, Mailson acha que o agronegócio pode andar com as próprias pernas, sem depender do crédito oficial. "Em poucos anos", afirmou, "a dificuldade de tomar recursos no mer-

cado financeiro desaparecerá, porque o mercado de capitais que está se compondo no país é muito vigoroso, com investidores institucionais representando 60% do PIB. Esta será a grande fonte financiadora da agricultura".

No seu entender, o agronegócio vai começar a reclamar, daqui para frente, do cambio e não da falta de mercado. "Os riscos estão caindo, os fluxos cambiais estão aumentando. O Brasil é o segundo preferido em investimento de portfólio. A não ser que haja uma reedição do pior da crise, as análises convergem para que o pior já passou". E, como esse cenário vem se consolidando, o dólar deve se estabilizar entre R\$ 1,80 e R\$ 1,85, o que provocaria os ânimos dos exportadores.

O único ponto em que considerou a participação do governo fundamental foi em investimento de infraestrutura. "A agricultura deve reivindicar do governo ações para melhorar a logística, que é uma das grandes ineficiências do país. As rodovias estão em estágios deploráveis. O governo demorou cinco anos para escapar dos pruridos ideológicos para buscar parcerias e privatizar as estradas. São Paulo



O ex-ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, esteve nesta quarta-feira, 17, na Esalq

tem 90% das estradas em condições de uso, praticamente todas são pedregadas e funcionam".

Ao comentar sobre a relação entre o etanol e Piracicaba, disse achar difícil imaginar que o mundo desenvolvido volte ao crescimento pré-crise (2008) em curto prazo. O processo de reajuste será lento, e vai demorar de cinco a dez anos. "A preocupação dos países ricos é evitar o colapso financeiro e, consequentemente, uma depressão. Se os

EUA conseguir estabilidade no segundo semestre deste ano já será um grande ganho". A morosidade da recuperação, para ele, é porque em períodos de crise cai muito o investimento do setor privado na economia.

No plano interno, Mailson evidenciou a contração de crédito nos períodos mais críticos, mas que já está voltando, "porque ele é essencial para a venda de bens de consumo durável, como o que é usado na agricultura".

"Numa perspectiva de longo prazo, o etanol tem grande futuro, mas temos que ver o verde, com certificação adequada, comprovando que não estamos cortando árvore da Amazônia para plantar cana. O mundo está mal informado sobre isso e o Brasil tem que mostrar que está na vanguarda das pesquisas, será o primeiro a usar cana transgênica, sem contar que o etanol de cana é muito competitivo", finaliza.